

Artigo

## As lições da redução do IPI



Por  
**Germano Rigotto**

*O Brasil não está imune a crises. Mas, com certeza, está mais preparado para enfrentar as turbulências econômicas do que há alguns anos. Por isso, a crise financeira internacional, que atingiu muitos países, não provocou tantos efeitos negativos no país. O governo agiu rápido e tomou medidas importantes, como a redução da alíquota do IPI para os veículos, para estimular a economia. Menos impostos, mais negócios, mais emprego e renda.*

Um balanço da indústria automotiva brasileira, durante o período mais grave da crise financeira internacional, comprova o acerto do Governo Federal em relação à desoneração do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI). A decisão, além disso, é pedagógica ao dar indicativos sobre os novos contornos que o sistema tributário nacional precisa contemplar.

Do início desta década até 2008, acumulávamos recordes atrás de recordes em produção e vendas de veículos automotores. O cenário era potencializado pela força que os países emergentes começavam a exercer e pelo verdadeiro "céu de brigadeiro" em que navegava o comércio mundial.

E, foi exatamente nesse momento de ascensão, que se estabeleceu a crise. No mundo, nenhum segmento da economia real foi tão afetado por suas turbulências quanto o automobilístico. Vide o caso dos Estados Unidos. Fábricas fecharam e trabalhadores foram demitidos em massa. Símbolos que, outrora, representavam força e pujança, tiveram de pedir ajuda estatal para garantir sua sobrevivência.

Ao longo do ano passado, as vendas das montadoras caíram 8,5% na Europa Ocidental e 18% nos EUA. E no Brasil? Enquanto pátios lotados de carros eram comuns no exterior, nosso País produzia e vendia veículos em ritmo incessante. E isso se deveu, em grande parte, a essa acertada medida do Governo Federal: a redução nas alíquotas do IPI para veículos.

Durante os meses de 2009 em que o estímulo vigorou, as vendas de automóveis e veículos comerciais leves alcançaram um patamar histórico. De janeiro a setembro, mais de 2,2 milhões de unidades foram comercializadas – uma alta de 5,49% se comparado ao mesmo período do ano anterior.

As alíquotas já estão retornando, gradualmente, aos seus níveis originais. Mesmo assim, a indústria segue aquecida, com excelentes indicadores para os próximos meses e para 2010. Prova disso é que em outubro, primeiro mês de retorno do IPI, as montadoras instaladas no País produziram 316 mil veículos, em uma alta de 15,7% na comparação com setembro.

Os dados tornam tangíveis os benefícios que a redução do tributo trouxe para o País. A indústria automotiva é considerada um termômetro da economia nacional, tendo em vista o leque de outros segmentos vinculados à sua cadeia produtiva. Por trás de cada carro produzido ou vendido, movimentamos os setores metal-mecânico, de logística, de tecnologia da informação e um sem-número de outros nichos, como o das revendas.

E isso surtiu efeitos tanto no mercado interno quanto nos negócios com o mercado externo. Nosso consumidor, que poderia ter seu poder de compra reduzido em função da menor oferta de crédito, foi beneficiado com a queda dos preços. A desoneração também foi importante para dar mais competitividade as nossas exportações em um momento de mercados desaquecidos e de câmbio desfavorável.

Então com esta decisão do governo, ganharam todos, os consumidores, a indústria e o comércio. Valeu a máxima: menos impostos, mais negócios, mais emprego e renda.

Essa lição precisa fomentar uma verdadeira transformação cultural de algumas cabeças conservadoras da área econômica, as mesmas que têm sido adversárias da reforma tributária. É flagrante e urgente sua necessidade!

Precisamos de uma reforma que encolha a carga de impostos paga pelos cidadãos e empresas. Uma reforma que diminua a evasão em suas três formas – sonegação, informalidade e elisão. Uma reforma que amplie a base de cobrança, que distribua, simplifique e racionalize os tributos. Uma reforma, enfim, que ajude o Brasil a avançar. A recuperação do setor automotivo a partir da redução do IPI indica, no plano dos fatos, a direção que nossa economia deve manter a partir de agora.

***Germano Rigotto***

*é ex-governador do Rio Grande do Sul e membro do  
Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social  
([www.germanorigotto.com.br](http://www.germanorigotto.com.br))*